

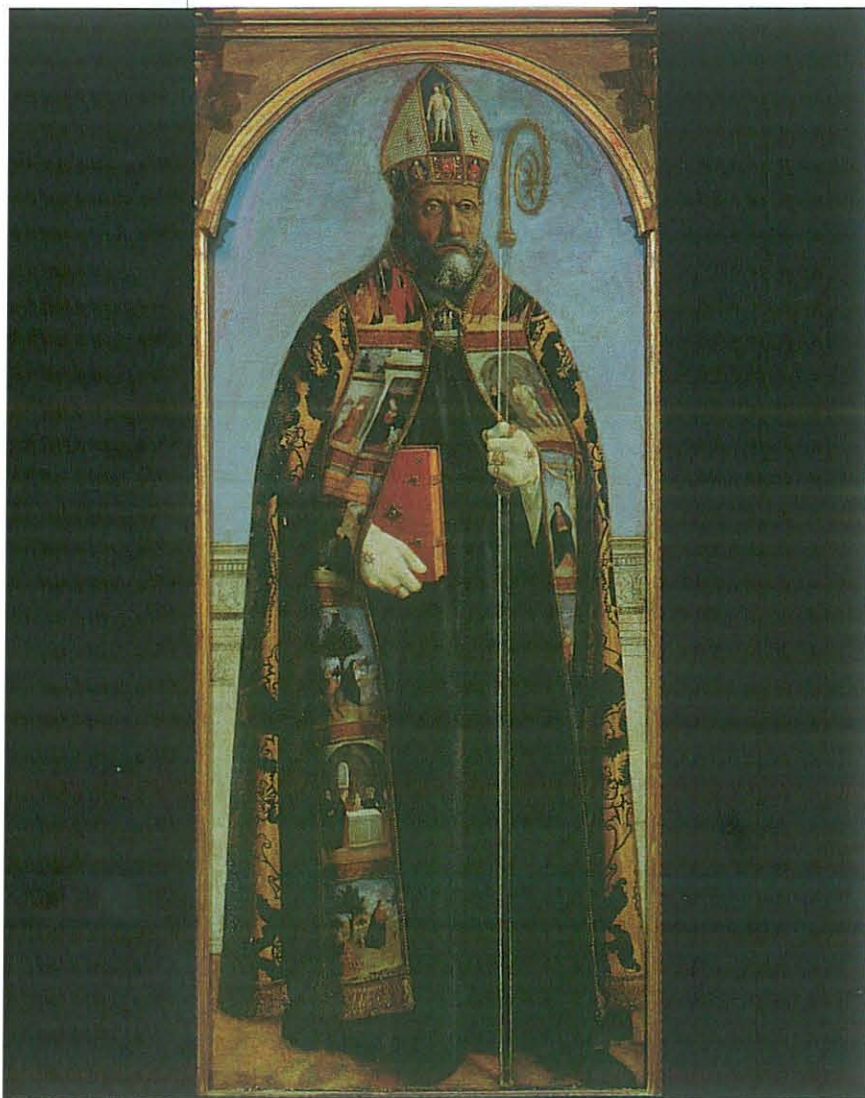
100  
anos  
de

a **CIDADE**  
de **SERRAS**

# As Confissões de Santo Agostinho

José Maria Silva Rosa\*

Santo Agostinho por Piero della Francesca. Óleo sobre Madeira, séc. XV. Museu Nacional de Arte Antiga. Foto IPM/DDF – José Pessoa.



Norte de África, fins do séc. IV. Província romana da Numídia, chamada o «celeiro de Roma». Cidade de Hipona Régia, 397 *anno Domini*. O recém-aclamado Bispo, Aurélio Agostinho, mais conhecido depois por Santo Agostinho, tem 43 anos e começou hoje a escrever as suas *Confissões*. Acto simbólico, extraordinário e subversivo até, pois que dele vai resultar uma das obras maiores da Humanidade. Tão grande que, de certo modo, ainda continua a ser escrita, pois mantendo-se como uma das obras mais lidas e relidas ao longo dos tempos. E ler uma obra é escrevê-la de novo. Mas o que tem esta assim de tão extraordinário, para continuar a atrair tantos leitores, a ocidente e a oriente, suscitando até já a curiosidade conterrânea do mundo islâmico? Não há uma única resposta para a pergunta. São precisas diversas aproximações, redes polivalentes, como hoje sói dizer-se, para compreender a obra e o seu fascínio perene. Em nosso entender, a razão última desse fenómeno deve ser procurada alhures, nas próprias pregas infindas de cada coração, na interioridade mais profunda do ser humano, onde cada homem é aquilo que é.

As *Confissões* de Santo Agostinho são um dos suspiros mais profundos da Humanidade, *um grito que Deus ouve*, como poderia dizer, mais tarde, um leitor especialmente atento de Santo Agostinho: o poeta Teixeira de Pascoaes. E porque «um abismo



Agostinho embarca para Roma perante o desespero da mãe, Mônica, que é segurada por um homem de turbante. Ms. de Boston, séc. xv.



Agostinho ensinando em Roma. Fresco da igreja de Santo Agostinho em San Gimignano, Itália.



Batismo de Agostinho. Retábulo de Pepijn, Hospital de Santa Isabel, Antuérpia, Bélgica.

chama outro abismo no fragor das águas revoltas», as *Confissões* são o suspiro de um naufrago que veio à tona, trazendo consigo, das profundezas do oceano, um mar de experiências díspares, feitas de miséria e grandeza, de trevas e luz, de pecado e graça, de vício e virtude, de desespero e confiança. «Quem sou? Donde venho? Para onde vou?» São estas, no fundo, as questões essenciais do homem de todos os tempos e com as quais o filho de Mônica não podia deixar de se defrontar nesta obra. O acto de confessar, trazendo a existência à palavra, mobiliza energias latentes no humano que só assim vêm à luz e se tornam eficazes. Não basta a intenção de confessar: é preciso que existência encarne em Verbo, tornando-se presença actuante. A experiência que vem à linguagem ganha em Humanidade e esta realiza-se nesse acto, mas sem nunca nele se esgotar por inteiro. Por isso, e como o próprio nome sugere, as *Confissões* consubstanciam um *acto linguístico* que, na profunda convicção de Aurélio Agostinho, procura realizar aquilo que diz, especialmente nos momentos de louvor. Mas aquém e além da omnipresente retórica que as anima, qual belo embrulho de uma jóia preciosa, é preciso ir ao fundo da intenção que as fomenta, que é *fazer a verdade* diante de Deus e no meio dos homens.

O género confessional, como se sabe, não foi inaugurado por Santo

Agostinho. Mas foi ele quem, com as *Confissões*, mais caucionou a literatura de viagens interiores, de narrativa íntima, de ascensão às moradas e aos palácios da memória, metáfora viva que marcou profundamente a nossa espiritualidade e contribuiu para o processo de elaboração da nossa consciência ocidental e da subjectividade moderna e contemporânea. Mas, como já se aludiu, o acto de narrar não é nele uma mera descrição autobiográfica: Agostinho transfigura e recria a sua própria história, porque só existimos contando uma história, a nossa história, até que pela palavra saibamos ir mais além. Nas civilizações antigas, de recorte sapiencial, sempre que se queria transmitir um saber essencial contava-se uma história. Passava-se assim um ensinamento integrador do novo e da riqueza vivida, coincidindo aí com o processo de criativa *autopoiésis*, bem diferente de uma identidade definitivamente apresentada e universalmente válida.

Por isso mesmo, lá se encontram a intenção apologética do pastor, o testemunho do cristão e do homem de fé, a reflexão atenta e arguta do filósofo e do teólogo, o elevado arroubo do místico, do convertido e do homem orante, os recursos imensos e os limites do exegeta bíblico, mas também a autobiografia do filho, do marido, do pai, do estudante, do amigo dedicado aos

seus amigos, do retor, do maniqueu; e igualmente aí se encontram a sensibilidade do poeta e do músico, as lágrimas do esteta, o espanto confesso do provinciano perante a cidade de Cartago, as emoções desencontradas do órfão de Mônica, o bom senso prático do homem do campo, a linguagem cuidada do professor de retórica; e, enfim, porque é uma vida inteira, não desbastada, de *carne e osso*, como gostava de frisar Miguel de Unamuno, real na sua grandeza e na sua miséria, lá se encontram também o orgulhoso, o jactante, o vaidoso, o cúpido, o voluptuoso, o amante fogoso, o racionalista, o hedonista, o céptico, enfim, o rosário de um homem que não podava a experiência, mas lhe sorvia o cálice até ao fundo, destilando-a em *Confissões*. Numa palavra: temos a *vida examinada* de alguém que procurou a verdade e tentou tornar-se um homem de bem. E só uma vida examinada merece ser vivida.

Ao longo dos treze livros que compõem a obra assistimos – e somos convocados a participar – a um mergulho na memória, ou melhor, nas diferentes memórias que constituem o homem, desde a memória psicológica, feita das recordações da infância, da adolescência, da maturidade, até uma memória metafísica, que exige uma dificultosa autognose interior, uma atenção ao próprio ser, descobrindo aí as marcas da sua origem divina.



Êxtase em Óstia. Morte de Mônica. Regresso a Cartago. Fresco da igreja de S. Agostinho em San Gimignano.



Ordenação de Agostinho. Gravura de Joannes Wandereisen.



Retábulo representando a Sagração de Santo Agostinho. Museu de Arte da Catalunha, Barcelona, Espanha

Por isso, mergulha-se fazendo uma viagem de geometria variável, por regiões de complexa geografia psíquica, de que não temos carta antecipadamente, e onde se cruzam o passado, o presente e o futuro; lugares históricos, oníricos e escatológicos; a memória, a atenção e a expectativa; a imaginação, o desejo, a inteligência, a vontade; o sono, o sonho e a vigília; a crença, a razão e a fé; o mal, o pecado, o erro, a culpa, a ilusão e a desilusão; a procura, o encontro, a amizade, a alegria, o louvor: eis a coroa de rosas e espinhos de uma vida chupada até ao tutano. Esta é, pois, a experiência de um homem que, em toda a sua riqueza e complexidade, converge para as *Confissões*, e que releituras de todas as épocas concretizaram e universalizaram.

Primeiro, Agostinho leva-nos pelas paragens da imaginação psicológica: vemos desfilar a infância – Agostinho tem memória de si desde muito cedo –, a meninice, a juventude, os vinhedos e as cearas, os trabalhos escolares, o desgosto do grego, em Tagaste, em Madura, em Cartago.

Por aqui e por ali, o meio ambiente e familiar, a Mãe, sempre a Mãe Mônica, as amizades profundas, as aventuras juvenis. Emerge ao mesmo tempo a inteligência fulgurante, genial, o brilhante professor de retórica, quer ainda em Cartago quer já em Roma e em Milão, na Escola Imperial, cargo que sobremaneira ambicionara.

No meio das águas turvas deste mergulho, podemos vê-lo ainda deambular pelas vielas noctívagas de Cartago, a matutar sobre as razões da luxúria que sente subir-lhe aos membros, a angustiar-se com o mal vivido, que o obsidia; vemos um coração conturbado aderir ao maniqueísmo, começar a viver com uma concubina e tornar-se pai de Adeodato. Depois, já no cume do êxito profissional, em Milão, na escola da aristocracia imperial, vemos como o assaltam outras dúvidas, mais angústias existenciais, o tédio da vida, a tentação hedonista, o desespero de encontrar a verdade, o risco da completa desordem ontológica, gnoseológica e ética. E, por fim, o abandono do maniqueísmo, o entusiasmo com os platónicos e a chegada às praias acolhedoras da religião cristã.

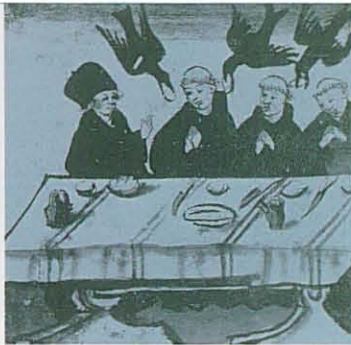
Detenhamo-nos, porém, em alguns ancoradouros desta anamnese pessoal. Momento decisivo – sem dúvida um dos mais decisivos na vida de Agostinho, pois deixará marcas indeléveis – foi o da adesão ao maniqueísmo, por volta dos 20 anos, em Cartago, doutrina que lhe aparecia então como a única solução para o problema do mal (cf. livros III-VI). Agostinho era uma consciência existencialmente atormentada com o mal que, nele, antes de ter sido problema filosófico e teológico, foi acima de tudo uma experiência dramaticamente vivida. Mais tarde virão as doutrinas sobre o mal sofrido e cometido. Mas até lá foi a *via crucis*

da consciência. Com efeito, ao olhar do jovem retor, materialista, o mal só podia ter duas soluções: ou Deus era o responsável ou Deus não era o responsável, e a primeira solução apareceu-lhe logo como mais ímpia que a segunda. Como, de facto, o mal existe no mundo e na alma humana, e não sendo Deus o criador do mal, então este só poderia vir de um princípio ontológico diferente de Deus, a matéria, igualmente eterna e poderosa como ele: eis a essência dualista do maniqueísmo.

A descoberta da filosofia neoplatónica (cf. livro VII; Plotino, Porfírio, Mário Vitorino) através de alguns cristãos de Milão, que participavam numa espécie de tertúlia filosófica neoplatónica, foi o ar fresco de que precisava para poder superar as neblinas, os fumos tenebrosos e as trevas asfixiantes do maniqueísmo. Com efeito, aqueles cristãos milaneses (Ambrósio, Simpliciano, Ponticiano, ...) viam na Filosofia neoplatónica uma pedagogia para o *Lógos*, para o Verbo de Deus, cuja Encarnação, ignorada pelos filósofos pagãos, era para aqueles a medida positiva e historicamente diferenciadora da verdade revelada em Jesus Cristo, estabelecendo os cristãos como verdadeiros filósofos, pois viviam segundo o *Lógos* e o *Lógos Encarnado*: «E o Verbo fez-se carne e habitou ente nós». O neoplatonismo e a filosofia platónica, em geral, são pois vistos por Agostinho como uma *preparatio* para a adesão ao Evangelho (cf. livros VII-IX).



Outra representação da sagração de Santo Agostinho. Gravura de Bolswert. Bibliothèque Nationale de France.



Muito frugais, os «irmãos» (e Agostinho, à esq.) são, por vezes, servidos por aves, nesta imagem por três corvos. Ms. de Boston.



Já célebre, Agostinho prega em Hipona perante um leigo ricamente vestido e três frades. Manuscrito de Boston, séc. XV.

Momento decisivo é o da conversão. E aqui é preferível deixar falar o próprio Agostinho. «Quando, do mais íntimo recôndito da minha alma, uma profunda meditação arrancou e acumulou toda a minha miséria diante do olhar do meu coração, desencadeou-se uma enorme tempestade, que trazia uma enorme chuva de lágrimas. E, para que eu derramasse toda essa chuva de lágrimas, com os seus clamores, levantei-me de junto de Alípio – a solidão parecia-me mais propícia à aflição do choro – e afastei-me para mais longe, de modo a que a presença dele não constituísse para mim mais um peso. Era assim que eu estava, e ele percebeu-o, pois, julgo, eu tinha dito não sei o quê em que o som da minha voz já se mostrava carregado de choro, e assim me levantara. Ele ficou onde estávamos sentados, deveras perplexo. Eu deitei-me debaixo de uma figueira, não sei de que modo, e soltei as rédeas às lágrimas, e dos meus olhos brotaram rios, sacrifício digno de ser aceite por ti (...). Chorava com a contrição amaríssima do meu coração. E eis que ouço uma voz vinda da casa ao lado, com o canto de alguém, não sei se menino ou menina, que dizia e repetia muitas vezes: “Toma, lê, toma, lê”. E de imediato, com o semblante mudado, atentíssimo, comecei a pensar se as crianças costumavam cantar tais palavras em algum tipo de brincadeira, e não me ocorria de maneira alguma que o tivesse ouvido

em algum lugar, e, abafado o ímpeto das lágrimas, levantei-me, interpretando que o que me era ordenado por uma ordem divina não era senão que abrisse o códice e lesse o primeiro capítulo que encontrasse. (...) E assim, abalado, voltei àquele lugar onde Alípio estava sentado: pois eu tinha aí deixado o códice do Apóstolo, quando de lá me levantara. Peguei nele, abri-o, e li em silêncio o capítulo sobre o qual em primeiro lugar os meus olhos caíram: *Nem em comertinas e bebedeiras, nem em libertinagens e dissoluções, nem em rivalidades e invejas, mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis a satisfação da carne na concupiscência* [Romanos 13:13-14]. Não quis ler mais, nem era preciso.» (*Confissões*, VIII, XII. 28 e 29). A água lustral do baptismo, pelas mãos de Ambrósio, bispo de Milão, correu na cabeça de Agostinho na Vigília Pascal do dia 25 de Abril de 387.

Mas as *Confissões* não são só uma anamnese de louvor a Deus, pelas suas misericórdias e graças, no passado, mas igualmente e sobremaneira uma incursão no presente e no futuro. Não no sentido de uma astrologia que deseja conhecer e antecipar o porvir – esta fora uma das vanidades da sua juventude –, ou ainda naquele em que alguém se prepara para o futuro, no presente, pelo trabalho e pela acção, mas sobretudo no sentido de uma demanda do «cimo» ontológico de si mesmo, adentrando-se cada vez mais

na memória, passando e deixando para trás os seus vastos palácios e moradas: «Irei também além desta força da minha natureza, ascendendo por degraus até àquele que me criou. (...) Grande é essa força da memória, imensamente grande, o meu Deus, santuário amplo e sem limites. Quem lhe chegou ao fundo? E esta é a força do meu espírito e pertence à minha natureza, e nem eu consigo captar o todo que eu sou. Logo, o espírito é estreito para se abarcar a si mesmo: então onde poderá estar o que de si mesmo ele não abarca? Acaso fora de si mesmo e não dentro de si? Como é que, então, o não abarca? Muita admiração me causa isto, a estupefacção apodera-se de mim. Deslocam-se os homens para admirar as alturas dos montes, e as ondas alterosas do mar, e os cursos larguíssimos dos rios, e a imensidão do oceano, e as órbitas dos astros, e não prestam atenção a si mesmos.» (*Confissões*, X, VIII. 12.15).

Agostinho começa a mais importante e perigosa viagem. Inicia a grande odisséia da interioridade, já não ao fundo das experiências lodosas da sua vida passada, mas numa renovada atenção ao presente, orienta-se para o melhor de si mesmo, todo tenso «para dentro e para cima», do tempo para a eternidade. E ultrapassa as imagens da memória, e ultrapassa as ciências da razão, e ultrapassa os afectos da alma, e ultrapassa a memória do esquecimento e a memória da



Agostinho em êxtase perante a Santíssima Trindade. Gravura de Bolswert. Bibliothèque Nationale de France.



S. Jerónimo revela a Agostinho a glória celeste. Em baixo: morte de Agostinho. The National Gallery of Ireland, Dublin.

memória. E aí, no mais alto pináculo desta memória interior – *apex mentis* –, sobretudo aí, *soube* não se bastar a si mesmo. É então que a memória é iluminada na sua pobreza ontológica e, como faísca, dá-se o ressalto de consciência. Descobre enfim o que, ignotamente, sempre fora: um desejo ontológico de Deus, uma relação com a eternidade, uma memória metafísica, ontológica, onde ficou impressa a marca do Criador. «Tarde te amei, beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! E eis que estavas dentro de mim e eu fora, e aí te procurava, e eu, sem beleza, precipitava-me nessas coisas belas que tu fizeste. Tu estavas comigo e eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti aquelas coisas que não seriam, se em ti não fossem. Chamaste, e clamaste, e rompestes a minha surdez; brilhaste, cintilaste, e afastaste a minha cegueira; exalaste o teu perfume, e eu respirei e suspiro por ti; saboreei-te, e tenho fome e sede; tocaste-me, e inflamei-me no desejo da tua paz.» (*Confissões*, X, xxvii, 38).

Agostinho sabia que fizera muitas contrafacções daquela marca ontológica, na sua vida – a ignorância jactante, o erro obstinado, o orgulho, a idolatria, o pecado haviam sido algumas formas dessa contrafacção –, mas não pudera eliminar, nem o poderia fazer jamais, o timbre original que o Criador deixara no fundo da alma, ao criá-la, «porque tu nos fizeste para ti, e o nosso coração está

inquieta enquanto não repousar em ti.» (*Confissões*, I, I, 1).

Justamente, «enquanto não repousar em ti» o homem encontra-se no tempo, anelando pela eternidade. Para muitos autores, o livro XI de *Confissões* é uma das mais profundas meditações filosóficas sobre o tempo, permanecendo inultrapassada até hoje, abrindo o pensamento agostiniano ao mistério da Providência, da História e dos seus *dois amores e duas cidades*, e de Deus, temas centrais de outras grandes obra do génio hiponense: *De Civitate Dei* e *De Trinitate*.

\* Professor de Filosofia na Universidade Católica (Lisboa)

No ano 2000 que findou, 1600 anos depois da conclusão de *Confissões*, a Imprensa Nacional-Casa da Moeda e o Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira, da Universidade Católica Portuguesa, quiseram promover uma nova edição da obra. E assim, traduzida por Arnaldo do Espírito Santo, Cristina Pimentel e João Beato, veio à estampa uma edição bilingue (latim/português) cumprindo mais um degrau do agostinismo *sub specie aeternitatis* e da tão rica tradição agostiniana portuguesa. Todavia, não nos iludamos: temos a obra, mas o espírito do imenso Agostinho não se possui. Parafaseando, apliquemos aqui o que John Cage dizia a propósito da Música: «ninguém pense que ao possuir uma obra, ou a obra toda, possui o pensamento do autor. A própria prática do pensar é uma maneira de celebrar o nada possuímos.»

